



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

SUELY PEREIRA NUNES

**MATRAGA E PAULO: UM MITO BÍBLICO E DESLOCADO NO
SERTÃO MINEIRO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

**GUARABIRA
2023**

SUELY PEREIRA NUNES

MATRAGA E PAULO: UM MITO BÍBLICO E DESLOCADO NO SERTÃO
MINEIRO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Artigo apresentado à banca examinadora,
no curso de Licenciatura Plena em
Letras Português pela Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito à
obtenção do título de graduada em
Letras/Português.

Área de concentração: Literatura Comparada

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa

GUARABIRA
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N972m Nunes, Suely Pereira.

Matraga e Paulo [manuscrito] : um mito bíblico e deslocado no sertão mineiro de João Guimarães Rosa / Suely Pereira Nunes. - 2023.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa , UFPB - Universidade Federal da Paraíba."

1. Matraga e Paulo. 2. Comparação e análise. 3. Bíblia e literatura ocidental. I. Título

21. ed. CDD 028

SUELY PEREIRA NUNES

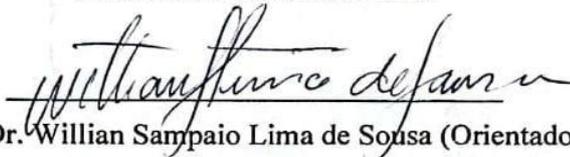
MATRAGA E PAULO: UM MITO BÍBLICO E DESLOCADO NO SERTÃO
MINEIRO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Artigo apresentado à banca examinadora,
no curso de Licenciatura Plena em
Letras Português pela Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito à
obtenção do título de graduada em
Letras/Português.

Área de concentração: Literatura Comparada

Aprovada em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profº. Dr. Olavo Barreto de Souza (1º Examinador)

Universidade Federal da Paraíba (UEPB)



Profº. Esp. Antônio Marques Simões (2º Examinador)

Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

A Deus por ser tão presente e essencial em minha vida, meu guia que nunca me abandonou. A minha família que sempre esteve presente e por vezes teve que lidar com as minhas ausências. Ao meu orientador pela paciência e colaboração. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. Obrigada, senhor, por colocar esperança e fé no meu coração.

À Universidade Estadual da Paraíba, essencial no processo da minha formação e preparação para a vida docente.

Ao Professor Doutor William Sampaio, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade. Pelas correções e ensinamentos, e pela paciência com a qual me conduziu em todo esse processo do meu aprendizado.

Aos professores da banca examinadora, Olavo e Antonio Marques, que se dispuseram a estar comigo neste momento, avaliando e contribuindo para a minha formação.

Aos professores do curso de Letras-português, que acompanharam a minha jornada acadêmica de perto e deram muito apoio em sala de aula. Obrigado pela incansável dedicação.

A toda minha turma de Letras, correspondente a 2016.1, e aqueles que vieram depois, por me acompanharem neste percurso. Em especial ao amigo Antonio Marques que, como colega de sala sempre contribuiu para que meu conhecimento pudesse ser aprimorado.

A minha coordenadora do POLO UAB de Alagoa Grande, Roseana Palmeira por sempre me incentivar e oportunizar momentos para me dedicar aos estudos.

A minha família, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado durante todos os momentos, de alegria, de tristeza, de desânimo. Nos momentos bons e nos ruins, vocês foram o meu suporte.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma, para a realização deste trabalho.

“Literatura é linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível. Enfim, literatura é novidade que permanece novidade.”

(Ezra Pound)

RESUMO

O presente artigo, que tem como tema: “Matraga e Paulo: Um Mito Bíblico e Deslocado no sertão Mineiro” tem como objetivo fazer um estudo comparativo da vida dessas duas personagens, Matraga e Paulo. Conforme foi proposto nesta pesquisa, buscamos realizar uma aproximação entre as personagens analisadas, uma vez que a primeira traz elementos muito similares a da segunda. Para tanto, foi trilhado um percurso metodológico que foi organizado da seguinte maneira: Primeiro nos debruçamos sobre a natureza estética de nosso *corpus*, evidenciando um pouco da fortuna crítica do seu conteúdo, em seguida buscamos apontar nessas personagens, pontos em comum de acordo com seus respectivos contextos. Através de um estudo comparativo foi apontando entre os personagens suas características e semelhanças como também as diferenças. Paulo, personagem do Novo Testamento foi um homem importante no contexto bíblico, ele teve impacto significativo na trajetória do povo Cristão. Augusto Matraga principal personagem do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga” também foi um dos grandes homens em seu campo de atuação, ele persistiu em dar um novo sentido a sua própria trajetória. Desde os primórdios, temos conhecimento sobre a influência dos textos bíblicos na literatura ocidental. Sob essa perspectiva buscamos fazer essa ponte entre o texto bíblico e o texto literário. Nossa pesquisa qualitativa e cunho bibliográfico, e consta da seguinte base teórica: Guimarães Rosa com a obra Sagarana (1984) que fornece nosso corpus; Arturo Gouveia (2021), Massaud Moisés (1979) Northrop Frye (1957), Walnice Nogueira Galvão (2008). Assim, sob o prisma da presente análise, constata-se diversos elementos que fundamentam a relação entre Matraga e Saulo, indo desde aspectos contextuais até mesmo a aspectos psicológicos, como o renascimento, a mudança de nome e de vida. Com base nos estudos comparativos, buscamos fazer uma retomada de Saulo/Paulo no sertão mineiro, e podemos ver como uma imagem mãe pode influenciar os personagens da atualidade.

Palavras-chaves: Matraga e Paulo. Comparação e análise. Bíblia e literatura ocidental.

ABSTRACT

The present article, which has as its theme: "Matraga and Paulo: A Biblical and Displaced Myth in the backlands of Minas Gerais" has as its objective to make a comparative study of the life of these two characters, Matraga and Paulo. As it was proposed in this research, we tried to make an approximation between the analyzed characters, once the first one brings very similar elements to the second one. To do so, we followed a methodological path that was organized in the following manner: First, we focused on the aesthetic nature of our corpus, highlighting some of the critical fortune of its content, and then we tried to point out in these characters points in common according to their respective contexts. Through a comparative study we pointed out among the characters their characteristics and similarities as well as their differences. Paul, a New Testament character, was a great man in the biblical context; he had a significant impact on the Christian people's trajectory. Augusto Matraga, the main character in the story "A Hora e Vez de Augusto Matraga" was also great in his field of action, he persisted in giving a new meaning to his own trajectory. Since the beginning, we have known about the influence of biblical texts in Western literature. Under this perspective we seek to make this bridge between the biblical text and the literary text. Our research is bibliographical, and consists of the following theoretical basis: Guimarães Rosa with the work *Sagarana* (1984), which provides our corpus; Arturo Gouveia (2021), Massaud Moisés (1979), Northrop Frye (1957), Walnice Nogueira Galvão (2008). Thus, under the prism of this analysis, there are several elements that underlie the relationship between Matraga and Saulo, ranging from contextual aspects to even psychological aspects, such as rebirth, change of name and life. Based on comparative studies, we seek to resume Saulo/Paulo in the backwoods of Minas Gerais, and we can see how a mother image can influence current characters.

Keywords: Matraga and Paulo. Comparison and analysis. Bible and Western literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. UMA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SOBRE O CONTO ROSIANO	13
3. NORTHROP FRYE E O MITO DESLOCADO	15
4. MATRAGA E SAULO: O MITO BÍBLICO E DESLOCADO NO SERTÃO MINEIRO	17
4.1 Grandiosidade dos heróis	19
4.2 A mudança	23
4.3 A morte	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30

1 INTRODUÇÃO

Ao lermos Guimarães Rosa, percebemos que suas composições artísticas concentram uma gama de significados cifrados e o diálogo com questões religiosas. No conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, que é o último conto da obra *Sagarana*, podemos observar e destacar o quesito religiosidade presente plenamente na estruturação da narrativa. Com base neste entendimento, esta pesquisa pretende realizar um estudo comparativo entre a trajetória dos seguintes personagens: Augusto Matraga, personagem do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa e Saulo de Tarso, apóstolo do Novo Testamento. Com base em uma análise comparativa, podemos observar uma relação de proximidade entre os personagens quando visualizamos algumas experiências/ocorrências nas vidas desses dois heróis. Enfatizamos que neste exame analítico, partiremos das “semelhanças” observadas entre os personagens e ressaltaremos as “diferenças” entre os mesmos.

Com base nesta proposta de estudo comparativo, ou seja, por se tratar de uma análise que elenca dois personagens e suas especificidades, delimitamos nossa visão crítica na perspectiva de um estudo arquetípico. Segundo Northrop Frye (2014), o arquétipo pode ser descrito como um mito deslocado. O termo “mito” aproveitado por Frye é equivalente semanticamente ao *mythos* grego, isto quer dizer “uma narrativa”. Por este prisma, podemos estabelecer uma relação arquetípica entre Matraga e Saulo de Tarso, pois temos uma retomada simbólica do trajeto de Saulo/Paulo no sertão mineiro.

O suporte teórico e crítico selecionado para este estudo compreende uma série de textos relevantes sobre o conto rosiano. Primeiramente, destacamos a leitura crítica dos estudos concebidos por Galvão (2008) e Gouveia (2021) que possibilitaram uma visão ampla e crítica referente ao nosso corpus. Moisés (1979) e Northrop Frye (2014) viabilizaram teoricamente o estudo proposto, pois os autores contribuem com informações pontuais e assertivas sobre o diálogo entre obras literárias.

“A hora e vez de Augusto Matraga” está entre os contos da língua portuguesa mais estudados. Essa obra vem sendo cotejada pela crítica desde a sua publicação e, na atualidade, encontramos uma listagem representativa de textos críticos publicados sobre este conto e Guimarães Rosa. Dessa forma, uma série de possibilidades analíticas já

foram contempladas, contudo, uma leitura arquetípica relacionando Matraga e Paulo é uma exceção nessa bibliografia visitada por nós. Em *Da ignomínia à pertença: nove ensaios sobre Augusto Matraga*, de Arturo Gouveia, temos em mãos nove ensaios inéditos sobre o conto em questão, e, em nenhuma das nove propostas, os autores/ensaístas contemplaram nossa perspectiva analítica. Em um dos primeiros estudos sobre o conto rosiano, Walnice Moreira Galvão relaciona o conto de Guimarães Rosa à vida de Cristo, mas não aproxima os personagens Matraga e Saulo. Deste modo, esta pesquisa se justifica e possibilita uma nova visão crítica referente ao conto rosiano.

Ao tomarmos como categoria analítica a temática arquetípica, observaremos como uma “imagem mãe” pode ser aproveitada em um texto literário contemporâneo. Destacamos que a perspectiva arquetípica adotada nesta pesquisa concerne aos estudos literários, uma face analítica pouco estudada na academia atualmente. Ao pensarmos no termo arquetípo, endereçamos o nosso olhar para as vertentes filosóficas e psicológicas (Jung), contudo, sinalizamos para um lapso referente aos estudos arquetípicos embasados em uma perspectiva literária. Dessa forma, pretendemos contribuir para essa temática pelo viés das concepções literárias sobre a temática dos arquétipos.

Para isso, destacamos dois suportes teóricos significativos no âmbito da literatura: Leila Perrone-Moisés (1979) e Northrop Frye (2014). Perrone-Moisés descreve que a Bíblia é um vetor/fonte para uma pluralidade de obras na parte ocidental do globo. Os estudos de Frye, anteriores às pesquisas de Perrone-Moisés, já sinalizam para o texto bíblico como um manancial textual que abastece o cânone do ocidental. Esta permuta textual foi denominada por Frye como “mito deslocado”, ou seja, um diálogo textual entre o passado e o presente. O texto presente não se expõe tal e qual em sua construção primária, mas se reveste de novos significados e se apresenta reconstruído. Cabe ao analista buscar as relações e decifrá-las. Em nosso entendimento, podemos aproximar Paulo e Matraga por esse viés teórico.

Uma vez que nossa pesquisa se funda no estudo e análise de textos, a mesma tem por natureza ser de cunho bibliográfica e qualitativa, pois realizamos a leitura de livros e artigos acadêmicos encontrados em sites especializados na internet. Todos os textos selecionados e estudados no transcurso desta pesquisa foram devidamente lidos, fichados e analisados, assim, de alguma forma, eles estão inseridos nesta composição textual. Com base no exposto e na construção textual desse artigo, o nosso trabalho está organizado da seguinte maneira: 1) leitura da bibliografia crítica sobre o conto rosiano;

2) Northrop Fryer e o mito deslocado, 3) Matraga e Saulo: o mito deslocado no sertão mineiro.

1. UMA LEITURA DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA SOBRE O CONTO ROSIANO

“A hora e vez de Augusto Matraga” está entre os contos mais estudados da língua portuguesa. Com uma listagem considerada de textos críticos publicados, tais como: ensaios, artigos, dissertações e teses, podemos dizer que uma série de categorias analíticas já foram aventadas e estudadas neste conto analisado por nós. Recentemente, Arturo Gouveia (2021) organizou uma obra composta por nove ensaios inéditos sobre “A hora e vez de Augusto Matraga, seu título é: “Da Ignomínia à Pertença”. A coletânea é inspirada no ensaio de Walnice Nogueira Galvão: “Matraga, sua marca” e em seu livro *Mínima Mímica, ensaios sobre Guimarães Rosa*. Ao lermos os nove ensaios, observamos uma gama de incisões analíticas que levam em consideração o contexto de produção do conto, os três *kairós* de Matraga, os epítetos referentes a Joãozinho Bem-Bem e outras peculiaridades estéticas do conto. Todavia, uma leitura relacionando Matraga e Paulo não é contemplada na obra organizada por Gouveia.

Uma das autoridades brasileiras referente ao estudo da poética rosiana é Walnice Nogueira Galvão. Em *Mínima mímica*, Galvão (2008) labora hipóteses sobre as principais narrativas rosianas e analisa o processo criativo do autor. Com isso, estende sua investigação a temas que permeiam sua obra, como o regionalismo, a religião, a mitologia, a imigração e as relações entre literatura, fábula, antropologia e jornalismo. O livro apresenta três partes intituladas, respectivamente: “Mitológica rosiana”, “Reunião” e, por fim, “Sertanejos e caipiras”, encerrando um todo complexo e enriquecedor. A primeira parte é formada por três ensaios; dentre eles o terceiro ensaio, (Matraga: sua marca¹) tem relação direta com a temática da nossa pesquisa. A segunda parte traz onze ensaios sobre temas como as metáforas náuticas na literatura do sertão e a infância e a relação do menino Joãozinho com o pai. Os ensaios da terceira parte do livro não versam diretamente sobre Rosa.

¹ Em “Matraga, sua marca”, Galvão faz uma abordagem do significado da marca cravada no personagem, essa marca que a princípio é uma marca de Humilhação (ignomínia) e que no decorrer da estória transforma-se em sinal de transcendência e superação (pertença).

Ao ler as obras acima, decidimos analisar o conto rosiano por meio de uma perspectiva comparatista entre a trajetória de Matraga e a de Saulo/Paulo, pois vimos que não há estudos relacionando essas personagens. Galvão (2008) oferece um capítulo sobre a marca da personagem, “Matraga, sua marca”, entretanto, neste texto, vemos que a autora faz algumas comparações no âmbito da religiosidade, porém, não encontramos uma relação direta entre Matraga e Paulo. A autora, em várias passagens da narrativa, apresenta o surgimento da ideia de trindade, mas sem maiores desdobramentos analíticos. Reforçando a temática da trindade, ao abordar a marca cravada nas nádegas do herói, a autora assevera: “no caso de Matraga, o significado é claramente Cristão, pois o triângulo é sinal clássico da Santíssima Trindade e deles temos notícia, gráfica ou verbal desde os primeiros séculos do cristianismo”. (GALVÃO, 2008, p. 51).

A ensaísta ainda ressalta que a personagem é nomeada de três diferentes maneiras:

Matraga, mítico, nome de santo; Augusto Esteves é o nome social, de coronelão fazendeiro, rico e prepotente; já Nhô Augusto é o nome do indivíduo em sua demanda, seu nome individual. Os topônimos de sua vida também são três: o Murici, onde vive inicialmente e onde tem fixo seu lugar na estrutura social, como mandão e dono de duas fazendas como Augusto Esteves; O Tombador, onde faz penitências como Nhô Augusto; e, após a peregrinação sem rumo, guiado pelo jegue ao encontro do destino, o Rala- coco, pertinho do Murici da partida, onde topa sua hora e vez e se transforma em Matraga. (GALVÃO, 2008, p. 76)

Galvão tece um comentário extremamente significativo, porém sem uma verticalização crítica: “Nessa trajetória de regeneração pela qual passa a nossa personagem, podemos perceber claramente o velho problema da conciliação dos apóstolos e da virada súbita – por isso mesmo chamada conversão – que impregna a vida dos santos”. (GALVÃO, 2008, p. 69). Neste ponto, podemos dialogar com o ensaio de Galvão e a nossa perspectiva analítica, pois Galvão não realiza um aprofundamento analítico sobre essa questão. Vejamos o princípio das relações: o jovem Saulo era um judeu/romano da cidade de Tarso e era pertencente ao grupo dos fariseus, ardente defensor da lei judaica Saulo estudou em Jerusalém, aos pés de Gamaliel, um dos professores e teólogos mais famosos do judaísmo. Saulo teve uma educação privilegiada, ele era um dos integrantes do sinédrio. Ainda jovem Saulo presenciou o apedrejamento de Estevão, o primeiro mártir cristão, depois ele se tornou um perseguidor ativo da igreja. Saulo participou da prisão de muitos cristãos, ou seja, ele era um caçador de cristãos. (Atos dos Apóstolos 9:1-2). Tudo irá mudar no caminho de

Damasco. O “caçador”, ao se endereçar para Damasco vê uma luz que o deixou cego, nesse momento ele ouve uma voz questionando o seu papel de perseguidor dos cristãos. Essa voz era de Jesus. Vejamos:

Ele caiu por terra e ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que você me persegue?" Saulo perguntou: "Quem és tu, Senhor?" Ele respondeu: "Eu sou Jesus, a quem você persegue. Levante-se, entre na cidade; alguém dirá o que você deve fazer". (Atos dos Apóstolos 9:4-6)

Após este evento, Saulo também tem seu nome mudado, o jovem Saulo de Tarso, intelectual e prepotente, integrante do sinédrio, cai por terra ficando cego e indefeso e vai parar na casa de um cristão, Ananias para ser cuidado por ele. Saulo, cujos companheiros de viagem nada viram e nada ouviram, após três dias sem ver e sem comer, recebe a visita de Ananias, que o abençoa em nome de Jesus Cristo. Em seguida caem-lhe umas escamas dos olhos e ele passa a ver, é batizado e tem seu nome mudado para Paulo, cujo significado quer dizer ‘pequeno’. Paulo Recebe um ministério para pregar a palavra de Deus e de perseguidor passa a ser perseguido. Todos esses fatos não são observados por Galvão em seu ensaio. Destacamos que há vários pontos de interseção entre “as vidas” dos heróis e buscaremos destaca-los neste artigo.

2. NORTHROP FRYE E O MITO DESLOCADO

Em *Código dos códigos: Bíblia e literatura*, Frye (1981) apresenta uma discussão salutar sobre a influência dos textos bíblicos na literatura ocidental. Por essa visão primária e observando as obras de Milton, Shakespeare, Machado de Assis e Guimarães Rosa, alguns elementos estruturais, nomes de personagens, símbolos corroboram com o pensamento de Frye.

Sobre essa temática da influência, Leila Perrone-Moisés sinaliza para este fenômeno da recuperação de narrativas, enredos, tramas do passado sendo atualizadas no presente. A autora afirma:

Em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos, a literatura sempre nasceu da literatura. Basta lembrar as relações temáticas e formais de inúmeras grandes obras do passado como a Bíblia, com os textos Greco-latinos, com as obras literárias imediatamente anteriores, que lhes serviam de modelo estrutural e fonte de citações, personagens e situações. (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 59).

Com base nesta proposição de Perrone-Moisés, temos duas fontes que convergem para o mesmo pensamento e os textos literários comprovam esta multiplicidade de citações. Contudo, temos um questionamento: como se dá essa inter-relação entre as narrativas? Em *Anatomia da Crítica*, Frye esmiuçar um modelo analítico que evoca o arquétipo literário.

Um dos fatores que permite ou irá justificar uso de *Anatomia da crítica* como ferramenta mestra em nossa análise comparativa é a aspiração de Frye em desenvolver uma crítica sinóptica, ou seja, amparada no texto bíblico. Mediante esta visão, um grupo restrito de textos “antigos” constitui um motor que impulsiona a produção de textos “novos”. O texto anterior é tipo como arquétipo ou *mito deslocado*. Vejamos como Frye aborda esta temática do Mito deslocado:

Lendo adiante a história, portanto, podemos pensar em nossos modos romanescos (...) como numa série de mitos deslocados, mythoi ou fórmulas de enredo que se movem progressivamente rumo ao polo oposto da verossimilhança, e então, com a ironia, começam a retornar. (FRYE, 2014, p. 167).

Observando essa citação, precisamos descrever o termo mito deslocado. Frye recupera o sentido arcaico do termo mito, ou seja, *narrativa*. Quando os gregos utilizavam o termo mito, este estava correlacionado à narrativa, uma tentativa de explicação sobre os fenômenos da natureza. Ao unir os termos *mito* e *deslocado*, teremos o seguinte entendimento: uma narrativa “velha” sendo recuperada e repaginada, entretanto, essa nova narrativa terá certos contatos com o *novo mito*. Esta inter-relação cobra do/a analista encontrar os pontos de contato entre os enredos (semelhanças) e explorar as diferenças.

Observando o mito deslocado proposto por Frye e a Contribuição de Perrone-Moisés podemos evidenciar alguns traços de semelhança entre a vida de Matraga e Paulo: tais como:

GRANDIOSIDADE DOS HERÓIS	DAS SEMELHANÇAS	O DESFECHO
<ul style="list-style-type: none"> • Matraga: Filho de fazendeiro rico e temido. • Saulo: integrante do Sinédrio, estudioso, temido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Matraga – Surra (perseguidor x perseguido), diminuição social = após ser surrado pelos seus antigos jagunços, vive em uma tapera e sob o cuidado de mãe Quitéria e pai Serapião, encontro eclesiástico (com o padre) e a missão espiritual. • Saulo: Cegueira, diminuição social (o nome Paulo = pequeno), encontro eclesiástico = vê Jesus – Ananais (enviado à casa de Ananias / missão espiritual (Atos, 9). 	<ul style="list-style-type: none"> • Matraga – embate com Joãozinho Bem-Bem = em defesa de uma injustiça – “sua hora e vez” = morte. • Paulo – decapitado, em defesa do povo de Deus.

Com base na teoria e nas semelhanças e diferenças destacadas entre as tramas, pretendemos esmiuçar todos os pontos descritos anteriormente. A princípio, este tipo de estudo é propiciado pelo olhar aguçado do/a analista, pois somente um olhar treinado permite conceber tal estudo. O arcabouço teórico permite validar o estudo aqui proposto, assim como nos permite afirmar quão importante é o pensamento de Frye para os estudos comparados.

3. MATRAGA E SAULO: O MITO BÍBLICO E DESLOCADO NO SERTÃO MINEIRO.

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, sertão de Minas Gerais, em 27 de junho de 1908. São suas as palavras: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”, e esse encantamento se dá exatamente no sertão, pois o sertão roseano é o lugar do encontro e do confronto de personagens enigmáticos e carismáticos, que embora num primeiro momento nos dê uma certa repulsa, depois, nos toca sobremaneira, como é o caso de Augusto Esteves ou Matraga, figura tão controversa quanto admirável, como veremos mais à frente. A obra mais conhecida de Guimarães Rosa é o romance *Grande sertão: veredas*, de 1956; contudo há outras que estão cada vez mais se popularizando até hoje, e a crítica cada vez mais se aprofunda nessas obras, como é o caso de *Sagarana*.

Foi no contexto turbulento da Era Vargas, em 1946, que Guimarães Rosa escreveu *Sagarana*. A palavra Sagarana é um de seus muitos neologismos, sendo esta a junção de duas palavras originárias de dois povos diferentes, portanto, de culturas distintas. “Saga” é um termo de origem germânica, usada para as narrativas históricas, épicas, os cantos heroicos. Enquanto “rana”, de origem indígena, mais precisamente tupi, significa “semelhante a” ou “à maneira de”. Assim, *Sagarana* é um termo próprio de Guimarães Rosa que expressa a ideia de uma história que se parece com uma saga de herói. Essa forma de “brincar” com as palavras se dá pelo fato do autor desenvolver um minucioso trabalho com a linguagem.

As nove histórias de *Sagarana*, envolvem temas como: questões sertanejas, as sobre a fome, as sobre a violência, as de vingança, e as da “jagunçagem”, ou seja, as de um Brasil “de dentro”, desconhecido das instituições e das leis escritas. Também nessa obra, várias espécies de animais e de plantas são descritas com detalhes, o que demonstra que Guimarães Rosa tem um olhar literário detalhista na sua forma de representação do ambiente inspirador, corroborando para uma vertente regional dos seus escritos; contudo, ele promove a partir do elemento regional reflexões universais, ele evoca a partir de um contexto situado temas que são comuns em qualquer realidade humana.

Inteiramente ambientado no sertão mineiro, temos uma obra regionalista, mas de caráter universal, já que trata de temas como o conflito entre o bem e o mal. O regionalismo, está associado às características locais do sertão mineiro, isto é, elementos geográficos e culturais que estão atrelados à identidade das pessoas que vivem ali. Porém, o que é comum ao autor, seu caráter regionalista não impede a sua universalidade, mas ao contrário potencializa sua ficção.

A universalidade reside na natureza de algo que não fica restrito a apenas um lugar, mas existe em vários contextos, formas e situações, e mesmo em diferentes épocas. É o caso da luta entre o bem e o mal, dilema vivido pelo personagem Augusto Matraga do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, mas também visto nos mais diferentes contextos ficcionais, antigos, clássicos e modernos. O bem e o mal, são temáticas universais, assim como os conflitos gerados por essas duas potências, pois, em qualquer parte do mundo, e ainda por muito tempo, a humanidade experimentará tal embate.

O livro *Sagarana*, é composto por nove narrativas, configuradas em “sagas” a semelhança das lendas antigas. Ao longo de todas as histórias, o leitor pode vislumbrar a realidade do sertão (e do sertanejo), pois é um livro de contos sertanejos. O último conto do livro, intitulado “A Hora e vez de Augusto Matraga”, foi considerado pelo próprio autor como o melhor da seleção dos nove contos que compõem a obra.

O protagonista da narrativa, Augusto Matraga, é um sertanejo truculento, poderoso e autoritário, acostumado a se impor pela força em seu cotidiano, Nhô Augusto, ou Augusto Esteves, filho do poderoso Coronel Afonso Esteves, dono de muitas terras entre as Pindaíbas e o Saco-da-Embira, no sertão de Minas Gerais. O sujeito é temido em sua região, conhecido como valentão, reconhecido pela sua frieza e perversidade, mas é um ser marcado pela violência, pela vingança e pela realidade dura do sertão. Nhô Augusto, homem de prestígio e de posses abastadas é casado com Dona Dionóra, e pai de uma única filha chamada Mimita, o rapaz vive arrumando confusão por onde passa, espalhando violência e medo.

Em uma leitura muito superficial, não conseguimos observar qualquer inter-relação entre os atos de Matraga e Saulo, contudo, com um olhar mais atento, a possibilidade de aproximação entre os dois personagens se abre para a análise. O que nos confere, por exemplo, destacarmos “a grandiosidade dos heróis”. Já a partir dos contextos em que ambos estão inseridos, encontramos uma correlação entre os personagens: Matraga é uma grande personalidade no Córrego do Murici e Saulo, em seu campo de atuação, é um personagem significativo, ele é membro do Sinédrio, um grande estudioso das escrituras e, nos primeiros momentos do cristianismo, tornou-se uma espécie de caçador de cristãos. Vejamos esta relação entre os personagens.

4.1. Grandiosidade dos heróis

O Augusto Matraga é, na verdade, o Augusto Esteves, o Nhô Augusto. A narrativa começa da seguinte forma: “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem –”. (ROSA, 1984, p. 341). Já nesse início, podemos perceber definitivamente a estrutura triádica como nos é apresentada a personagem. Ele, surge como um homem influente e poderoso, o filho de um fazendeiro dono de muitas terras naquela localidade, e Nhô Augusto fazia questão de mostrar-se

como valentão e imponente, não se importava com a família, gostava de “tirar” mulher dos outros, de brigar, de debochar. Vivia cercado de capangas. Com a morte do pai, Afonso, Matraga se mostra ainda mais “estouvado e sem regras”. O personagem, a princípio, é um homem que não respeita as pessoas que estão em sua volta de maneira alguma. É violento, é abusivo, é inconsequente. Um homem de índole imperativa, que impunha a sua superioridade aos habitantes do povoado do Murici. O respeito e, até um certo temor, que estes lhe destinavam eram devidos não só à sua posição de destaque, da qual desfrutava em decorrência da posse de muitos bens, como fazendas e terras, mas também pelo modo violento com que costumava agir quando era contrariado em seus objetivos.

Numa trajetória marcada por reverses, a história de vida de Augusto Esteves se divide basicamente em três etapas, que de acordo com Gouveia (2021), são três *ethos*², nos seus aspectos culturais e comportamentais:



A) a vida de Matraga no Córrego do Murici (*ethos jagunço*) e a surra perpetrada pelos jagunços do Major Consilva;



B) a cura física de Matraga, a mudança comportamental (*ethos católico*) e vida no povoado do Tombador;



C) a saída do Tombador e a batalha com Joãozinho Bem-Bem. (*ethos confronto*).

² *éthos*

substantivo masculino de dois números

1- conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.

"o é. da Antiguidade grega, do povo brasileiro, dos nordestinos"

2- retórica

parte da retórica clássica voltada para o estudo dos costumes sociais.

No primeiro momento, encontramos um personagem libertino, um tremendo fanfarrão, homem destemido e ousado, do tipo desenfreado, que não conhecia limites. Descrito como "alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pé dos outros" (ROSA, 1984 p 342). Surge Nhô Augusto, arrematando duas prostitutas em um leilão, promovido pela igreja, por cinquenta mil-réis. "Duro, doido, sem detença, como um bicho grande do mato" "estúrdio, estouvado e sem regra". (ROSA, 1984 p 346) O sujeito era um tremendo arruaceiro da região, conhecido pela sua frieza e perversidade, um opressor temido por todos. Assim era Nhô Augusto, por onde passava, espalhava temor e tremor.

Com alta inclinação ao jogo e propenso aos rabos de saia, Nhô Augusto acaba pouco a pouco perdendo a fortuna que herdou de seu pai. Já em descrédito econômico e social, sua trajetória começa a tomar um novo rumo, os seus capangas, quando percebem o destino que o patrão está tomando, decidem que não ficarão mais a seu serviço e resolvem trabalhar para o seu pior inimigo: o major Consilva.

A esposa, desgastada pelas traições e sem receber nenhuma atenção, saturada com o comportamento do marido, não suportando mais os maus tratos e desprezo, decide abandoná-lo e junto com a filha foge para viver com o Coronel Ovídio Moura. Ao tomar conhecimento dos fatos, Augusto Esteves é tomado por intenso estado de fúria e parte para a casa de Ovídio, em busca de vingança. Matraga tem dois alvos em potencial: 1) a esposa e o seu amante (Ovídio) 2) os seus ex-companheiros - os capangas e o Major Consilva. Este último, trama um plano para tirar-lhe a vida, e assim o faz. Ao decidir executar sua vingança apressada, Augusto parte em busca da mulher e da filha, contudo, muda de ideia e vai de encontro aos seus antigos capangas primeiramente. Acreditamos que esta mudança de trajeto configura o erro trágico matraguiano, pois Augusto Esteves é escoraçado pelos seus ex-capangas. É atacado violentamente, espancado e, marcado a ferro como gado. Contudo, à beira da morte, se atira contra um precipício. O bando, achando que Nhô Augusto não irá resistir às muitas pancadas ou mesmo a queda, dão por certo sua morte, e colocam uma cruz no lugar onde teria ocorrido o "assassinato". A partir desse momento, a trama começa a mudar, toma um novo rumo. Toda esta descrição corrobora para a compreensão do primeiro momento matraguiano, ou *ethos* jagunço, referente à tríade existencial de Augusto Matraga. Tendo, pois, apresentado um pouco sobre o personagem roseano, passemos agora ao referente bíblico, isto é, Saulo, para traçarmos nossas comparações.

Frye, como descrito anteriormente, entende que textos antigos podem ser atualizados no presente. O teórico canadense denomina esse fenômeno de “mito deslocado”. Mediante esta perspectiva, acreditamos que há um diálogo possível entre o apóstolo Paulo e Matraga. Vejamos: Saulo é natural da cidade de Tarso, da Cilícia, Filho de uma família judaica da tribo de Benjamim, a mesma do rei Saul. Seus pais, eram comerciantes ricos e gozava dos privilégios da cidade romana. Ele era cidadão romano, ligado a uma seita, a dos fariseus, aluno do renomado rabino Gamaliel, um grande teólogo daquela época. Ao nascer, recebeu o nome de Saulo (do hebreu), que mais tarde teve esse nome mudado para Paulo (do latim), depois da conversão e do batismo. Zeloso defensor da Torá. Ele era fariseu, filho de fariseu. Nascido entre o ano 5 e 10 da Era Cristã. “Circuncidado ao oitavo dia, do povo de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreu; quanto à Lei, fariseu; quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na Lei, irrepreensível” (Filipenses 3, 5-6).

Saulo era um israelita orgulhoso, de alma ardente e coração íntegro, ainda jovem, ele se dedica, com sagrada paixão, ao serviço de Deus, observando rigorosamente a religião de seu povo. Educado na cidade de Tarso e instruído aos pés de Gamaliel, segundo o rigor da Lei, era um fiel zelador da lei de Deus. Saulo, fora educado para ser fariseu, moldado intimamente por uma tradição à lei, que o Judaísmo conservava fanaticamente; impulsionado pelo entusiasmo impetuoso da mocidade; abrasado em ânsias de proselitismo próprio do judeu, julgou que tinha missão religiosa para cumprir, combater o Cristianismo até destruí-lo, por considerar essa religião uma traição ao Judaísmo, perseguia os seguidores de Cristo, porque eles tinham abandonado a Lei Mosaica para seguir um tal de Jesus, sobre o qual um grupo amplo de fanáticos, chamados de cristãos, pregavam e diziam que Jesus havia ressuscitado dos mortos. Saulo, era um homem extremamente temido pois o seu maior objetivo na vida era perseguir os cristãos e acabar com o cristianismo.

Neste primeiro momento, podemos relacionar os dois personagens, pois ambos, dentro de suas respectivas esferas de atuação, “gozam de destaque no local em que vivem”, “são temidos” e “estão em busca de uma vingança”. Entretanto, Frye entende que um arquétipo literário parte de pontos em comum entre narrativas, enredos e personagens e o/a analista deve explorar os elementos diferentes entre as tramas. Deste modo, Matraga é famoso em sua terra devido à fama do pai e a sua própria brutalidade, ou seja, é uma fama conquistada pelo viés da força física. Paulo é singular entre o seu

povo porque é um homem nobre, fariseu, intelectual e pertencente ao Sinédrio. O temor a Matraga se impõe pela força. A imposição de Paulo é intelectual. Sobre a vingança, Matraga, homem sertanejo, centrado em um código de honra que não tolera “traições”, intentará uma dupla vingança. Em Paulo, a vingança se estrutura por meio da intolerância religiosa farisaica. As relações aqui apresentadas corroboram com o entendimento de Frye concernente ao mito deslocado.

Esta primeira relação existente entre os personagens é, de certa forma, implícita, pois não é de fácil observação, mas que sob um olhar mais atento se constata os traços de semelhanças e diferenças entre os personagens; e isso nos permite realizar tal estudo. Alguns arquétipos literários são extremamente explícitos, mas nesse caso, não há qualquer menção ao apóstolo Paulo no conto rosiano. Assim, nossa primeira “conexão” entre Augusto Esteves e Paulo é uma construção possibilitada por alguns elementos pujantes, tais como: ambos são “autoridades” em seus ambientes; eles, no princípio de suas trajetórias são perseguidores, autoritários e vingativos (cada um dentro da sua especificidade de atuação).

4.2. A mudança

No segundo momento, vamos considerar o *mythos* bíblico, presente na narrativa rosiana, focaremos na trajetória das personagens e na mudança provocada nas vidas de Paulo e Nhô Augusto. A partir da viagem de Paulo a Damasco, exposta no livro dos Atos dos apóstolos, capítulo 9, é possível observar o objetivo de Paulo em sua ida a Damasco.

E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote. E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns deste Caminho, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. (ATOS, 9:1, 2).

Com base no trecho acima, o leitor observa algumas palavras-chave e os anseios de Saulo. O texto descreve que Saulo “respira ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor”. No texto rosiano, Matraga procede da mesma maneira em relação aos seus oponentes e em seu campo de atuação, pois, após Quim Recadeiro informá-lo da traição de seus capangas e a fuga de sua mulher e filha com Ovídio, Matraga decide agir. Vejamos como é descrito esse momento:

Assim, quase qualquer um capiau outro, sem ser Augusto Estêves, naqueles dois contratempos teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa ensossa, para esperar o cumprimento do ditado: "Cada um tem seus seis meses..." (ROSA, 1984, p 350).

E o texto ainda reforça: "Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir". (Ibidem). Ele não hesitava levar à morte alguém que, por exemplo, tenha ameaçado a sua honra, ou então contrariado seus desígnios, como foi o caso do abandono por parte da mulher e dos capangas, deixando-o furioso e decidido a fazer o acerto de conta com todos eles, por isso que seus alvos eram sua esposa junto ao seu amante, os seus ex capangas e o Major Consilva. Ao decidir tomar o caminho da residência do Major Consilva, Augusto está cego pela cólera da vingança e não se atina para a desdita. Após a surra, a humilhação de ser marcado como gado e a pseudo-morte, a partir desse momento, observamos a queda matraguiana. Em um impulso de preservação da vida, Matraga se joga dentro de uma mata após o momento da surra. Esta queda é simbólica, pois sinaliza para uma queda física, uma queda do status social, uma queda do homem Matraga e todo o seu orgulho.

Este acontecimento na trama rosiana conecta-se simbolicamente com a narrativa bíblica; Paulo em sua viagem a Damasco, em sua caçada contra os cristãos, sofre uma queda sem precedentes na literatura bíblica, pois sua altivez, o espírito farisaico de proteção à lei são abatidos mediante uma visão. Observemos o incidente:

E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. ⁴E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? ⁵E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões. ⁶E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? (Atos 9:1-6)

Em seu intento de vingança, Matraga perde a visão simbolicamente; Paulo perde, por um instante, a capacidade de enxergar. Após esse evento, Saulo é direcionado por Jesus a procurar um homem chamado Ananias e também é amparado por um desconhecido. Em sua queda particular, Paulo ficará sob os cuidados de Ananias, este será o restaurador da visão do futuro apóstolo.

Ao evocar o mito deslocado de Frye, no conto rosiano, no momento em que o Matraga pula o penhasco e é dado por morto pelos seus algozes, um preto que morava

naquela região, ao perceber que os homens já tinham ido embora, segue ao encontro daquele homem branco que havia sido violentamente espancado e percebe que, mesmo com o corpo todo machucado ainda tinha vida. O preto chama à preta, sua companheira, e o leva para o seu casebre e se propõem a cuidar das suas feridas e se tornam seus protetores, eles o amparam como se fossem seus pais. Nhô Augusto que, de tanto que estava ferido, ardia em delírios, falava coisas sem sentido, mas mãe Quitéria e pai Serapião (como assim os chamará Nhô Augusto), cuidam de suas feridas e aos poucos ele vai recobrando a consciência. Augusto Esteves, encontra-se em uma situação bem deplorável que o leva a um estado penitente, mas este novo ciclo lhe traz aprendizagem, promovendo uma verdadeira *metanóia*, isto é, uma mudança essencial de pensamento e/ou de caráter, ou mesmo uma mudança espiritual, o que é exatamente o que ocorre no conto.

Inicia-se uma nova fase na vida de Nhô Augusto, alimentada pela ideia de regeneração, o que por si só gera uma mudança de postura, e o desejo de buscar a salvação para a alma. Este será o grande objetivo de vida. Ao invés de buscar a vingança contra os inimigos, ele volta-se para si mesmo, refletindo sobre suas atitudes, pensa na esposa e na filha, das quais passa a sentir saudades, consciente de que as tinha perdido para sempre, como se estivesse mesmo noutra vida. Vejamos: “E era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante” (ROSA, 1984, p. 355).

Mudado, Nhô Augusto passa a recorrer a Deus, mostrando-se frágil, necessitado do auxílio de uma força superior, desejando, inclusive, ser absolvido dos pecados. É quando o casal de pretos lhe traz um padre para visitá-lo, com quem pôde conversar e se confessar. Arrependendo-se dos feitos terríveis que havia praticado, Nhô Augusto demonstra preocupação com a remissão dos seus pecados e pergunta ao padre: “Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!” (ROSA, 1984, p. 356), e o padre prontamente o anima dizendo: “Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...” (ROSA, 1984, p. 356).

Neste momento da análise, podemos afirmar que relação arquetípica se torna tênue entre as tramas, ou seja, os personagens caem de seus respectivos pedestais, a altivez é rebaixada e uma espécie de “conversão” assume o papel de destaque no decorrer da vida desses personagens. Observando pelo prisma estrutural, os personagens seguem um mesmo paradigma:



Contudo, como descreve Frye, cada elemento disposto acima concentra uma particularidade. Sobre a queda, Matraga já se encontra em “queda livre” socialmente, no âmbito familiar e a surra indicará o final de uma fase em sua vida. A queda paulina surge como um subterfúgio divino. O cristianismo ganha um varão que pode trafegar entre os romanos, gregos e judeus. Enquanto a queda matraguiana é individual, o fenômeno paulino ocorre em prol de uma coletividade. Ambos são cuidados por estranhos. Em Matraga, dois pretos e um padre. Paulo encontra alívio nos cuidados de Ananias. Sobre o rebaixamento da altivez (explicamos este termo anteriormente e suas diferenças), Saulo/Paulo terá uma marca perene para o transcurso de sua vida, assim como Matraga. O poderoso Augusto Esteves foi marcado como bicho, uma marca ignominiosa. Saulo teve o seu nome mudado para Paulo, ou seja, “pequeno”, uma espécie de lembrete para o transcurso de sua vida e um parâmetro para o seu relacionamento com a deidade. No que concerne à conversão, Paulo será um instrumento para o coletivo, Matraga só espera “a sua hora e vez”, um fenômeno individual. Passemos agora para a última categoria em análise: a morte.

4.3. A morte

No mito deslocado, Matraga parte em busca da “sua hora e vez”, deixa os pretos velhos e segue o seu caminho montado em um jumentinho. O animal o leva ao município/povoado do Rala-coco. Neste local, Augusto Matraga reencontra Joãozinho Bem-Bem e recebe um convite: entrar para a jagunçagem. O episódio que aventa esta possibilidade é a morte de Juruminho, atingido pelas costas pelo filho de um fazendeiro

da região. Bem-Bem estende o convite a Matraga e informa ao seu amigo que irá se vingar do assassino. Matraga não aceita compor o quadro de jagunços de Joãozinho Bem-Bem e fica extremamente comovido com os pedidos do velho fazendeiro referente à vingança que será perpetrada por Matraga. Esta contextualização é importante visando relacioná-la ao mito bíblico, pois devemos ressaltar as diferenças entre a morte dos personagens em análise.

Após observar a humilhação do fazendeiro e a intransigência de Bem-Bem, Matraga acredita que sua hora e vez chegou, o momento tão esperado é o embate com o seu “mano velho”. No momento final do embate, Nhô Augusto desfere um golpe de faca que abre o estômago de Joãozinho Bem-Bem, “e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre” (ROSA, 1984, p. 384). Nhô Augusto, também ferido mortalmente, pede a Joãozinho Bem-Bem que, antes de morrer se arrependa dos seus pecados para irem juntos para o céu. E ambos estabelecem um pacto de amizade, perdendo-se mutuamente. Antes de seus últimos suspiros Joãozinho Bem-Bem, ao proferir suas últimas palavras, enaltece seu companheiro dizendo:

– Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse que era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos... – Feito, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem. Mas, agora, se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é para a gente poder ir juntos... (ROSA, 1984, p. 385).

Nesse momento, Nhô Augusto Esteves entende que alcançou o seu ápice, a sua “hora e vez” é a luta contra Joãozinho Bem-Bem. Destacamos aqui que o desfecho de Matraga se dá por intermédio de um embate físico, corporal ante o seu algoz. Outro fator preponderante: o elemento que desperta o entendimento matraguiano sobre “sua hora e vez” (traço individual) e o sentimento de compaixão para com o próximo. Ora, Matraga está centrado em busca de algo individual, mas a compaixão (sofre com), um fator que evoca o coletivo será o estopim para a chegada de sua hora e vez.

No mito não deslocado, Paulo é decapitado, ele também vive um embate, porém diferente de Augusto Matraga, pois o embate paulino é ideológico e seus anseios são todos em defesa do cristianismo, ele morre por uma coletividade. Podemos inferir que o termo compaixão (sofre com) será o estopim para a sua morte, pois Paulo perece em defesa do povo de Deus.

Nos momentos finais da vida de Paulo, quando ele revela que já está próxima a sua morte, algumas situações o leva a refletir sobre sua vida e sobre o que o espera depois da morte. Sua vida com Jesus não foi fácil, mas tudo valeu a pena porque agora ele iria desfrutar de uma alegria eterna. E na segunda carta que escreve a Timóteo, no capítulo 4, versículos 6-8, Paulo faz a seguinte declaração de fé:

Quanto a mim, a hora já chegou de eu ser sacrificado, e já é tempo de deixar esta vida. Fiz o melhor que pude na corrida, cheguei até o fim, conservei a fé. E agora está me esperando o prêmio da vitória, que é dado para quem vive uma vida correta, o prêmio que o Senhor, o justo Juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos os que esperam, com amor, a sua vinda. (II Tim, 4:6-8).

Ambos, pouco antes de suas respectivas mortes, têm o mesmo entendimento daquilo que os espera após o estágio mortal, ou seja, o encontro com a deidade, o prêmio da vitória, ou “morre (...) como um cristão, que é para a gente poder ir juntos” (ROSA, 1984 p 385) para o céu.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos constatar neste estudo comparado, as personagens Augusto Matraga, do conto “A hora e vez de Augusto Matraga” e Saulo, apóstolo do Novo Testamento da Bíblia Sagrada, possuem muitos pontos em comum. A princípio, numa leitura superficial, essas marcações aparecem de forma bastante discreta, porém, sob um olhar mais aguçado do leitor, a viabilidade de aproximar essas duas personagens se torna mais evidente, sendo possível encontrar nos dois personagens alguns traços de semelhanças tais como, A grandiosidade com que eles são descritos, cada um em seu campo de atuação, ambos são dotados de características grandiosas. Matraga: Filho de fazendeiro rico e temido; Saulo: pertencente ao Sinédrio grande estudioso, temido. Outro ponto a ser observado é a mudança drástica que os dois personagens sofrem no decorrer da história, Matraga após ser surrado pelos seus antigos jagunços, perde tudo, inclusive o prestígio que tinha; Saulo: cai por terra, fica cego, impotente, tem seu nome mudado para Paulo, que quer dizer pequeno e experiencia a diminuição social. Ambas as personagens tiveram um embate: Matraga com Joãozinho Bem-Bem em defesa de uma injustiça – “sua hora e vez” = morte; Paulo – decapitado, em defesa do povo de Deus.

A partir dessas observações, compreendemos que Matraga e Paulo trazem marcas específicas que apontam para uma leitura crítica sob a perspectiva arquetípica descrita por Frye como mito deslocado. O termo “mito” aproveitado por Frye é equivalente semanticamente ao *mythos* grego, isto quer dizer “uma narrativa”. Segundo o autor, os textos antigos podem ser atualizados no presente. Mediante esta perspectiva, o diálogo entre os personagens Paulo e Matraga, e perfeitamente possível, tendo em vista que a Bíblia influencia diretamente a literatura ocidental.

Por este prisma, podemos estabelecer uma relação arquetípica entre Matraga e Paulo, o Apóstolo, uma vez que, temos uma retomada simbólica do trajeto de Paulo no sertão mineiro.

Apesar do conto “A Hora e Vez de Augusto Matraga” ser bastante conhecido e muito trabalhado nas mais variadas perspectivas, por se tratar de uma obra que condensa os mais variados tipos de elementos artísticos literários antigos, clássicos e modernos, até esse momento ainda não foi encontrado um estudo comparativo aproximando o personagem principal do conto, Augusto Matraga, do personagem bíblico, o apóstolo Paulo.

Dito isso, acreditamos que a presente pesquisa pode dar margem para futuras investigações, haja vista que uma vez lançado o olhar bíblico nesse texto possibilita outros trabalhos a partir deste viés comparativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA SAGRADA. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FRYE, Northrop. Anatomia da Crítica. São Paulo: Cultrix, 1957.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Mínima mímica**: ensaios sobre Guimarães Rosa/ Walnice Nogueira Galvão. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 47-88.

GOUVEIA, Arturo. **Da ignomínia à pertença**: nove ensaios sobre Augusto Matraga. Cotia, São Paulo: Editora Cajuína, 2021.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Texto, crítica, escritura. São Paulo: Ática, 1978.

ROSA, João Guimarães. A hora e a vez de Augusto Matraga. n: **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p 341-386

SOUSA, W. . A proliferação onomástica. In: Arturo Gouveia. (Org.). Da ignomínia à pertença: Nove ensaios sobre AUGUSTO MATRAGA. 1ed.Cotia, SP: Cajuína, 2021, v. 1, p. 273-302.